

NARRATIVAS DO TEMPO PRESENTE: INTERFACES ENTRE JORNALISMO E HISTÓRIA

Marcos Manoel Silva Severiano¹, Sonia Maria de Meneses Silva²

Resumo

Este trabalho tem por objetivo discutir as possibilidades de narrativas do passado no tempo presente, com um foco nas interfaces entre história e jornalismo, compreendendo que ambos os saberes participam diretamente dos embates de memória e da construção de elementos sociais que permitem a reconfiguração do tempo e a harmonização de informações a fim de proporcionar sentido para o cotidiano. Tomamos para tal a produção do jornalista Elio Gaspari como ponto de interlocução entre os dois ofícios e as suas singularidades, para podermos adentrar as variáveis metodológicas aplicadas para a construção da narrativa, partindo de uma reflexão acerca dos conceitos de Operação Midiográfica desenvolvido por Meneses e o de Operação Historiográfica desenvolvido por Certeau. Visto que as linhas divisórias estão cada vez mais tênues entre ambos os conhecimentos quando perpetrados por uma narrativa sistematicamente elaborada.

Palavras-Chave: História, Jornalismo, Operação Midiográfica, Narrativa.

NARRATIVES OF THE PRESENT TIME: INTERFACES BETWEEN HISTORY AND JOURNALISM

Abstract

This paper aims to discuss the possibilities of narratives of the past in the present, with a focus on the interfaces between history and journalism, comprising both knowledge participate directly in clashes memory and the construction of social elements that enable the reconfiguration of time and harmonization of information in order to provide meaning to the everyday. We take for such a production journalist Elio Gaspari as a point of communication between the two offices and their singularities, so we can go into the methodological variables applied to the construction of the narrative, from a reflection on the concepts of Operation Midiographical developed by Meneses and the historiographical operation developed by Certeau. Since the lines are increasingly blurred between both knowledge when perpetrated by a narrative systematically elaborated.

Keywords: History, Journalism, Operation Midiographical, Narrative.

¹ Graduando em História pela Universidade Regional do Cariri, Crato, Ceará, Brasil. Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPQ, e-mail: marcos.severiano@bol.com.br

² Professora Doutora do Departamento de História da Universidade Regional do Cariri, Crato, Ceará, Brasil.
E-mail: sonia.meneses@gmail.com

Introdução

Como escrever o passado? Como narra-lo? Problematicando-o? Descrevendo-o? Estas e outras questões perpassam o pensamento ocidental desde a Grécia Antiga. A necessidade de se registrar acontecimentos transpõe as temporalidades e toma corpo no cotidiano dos indivíduos, mas varias foram as respostas dadas a estas questões.

Os gregos construíam suas epopeias, como a Odisseia de Homero, numa narrativa descritiva e poética, objetando guardar o passado no seu tempo derivado, onde poderia ser consultado quando houvesse necessidade e onde o mesmo serviria de modelo e exemplo para o presente. As narrativas precisavam ser escritas, para que pudessem sobreviver ao tempo e as intempéries, gravadas em pedras, papiros, mas em especial na mente humana e numa tradição oral que permitiu a chegada, com variações, de algumas narrativas ao século XX.

Durante a Idade Média a ‘providência divina’ toma conta destas narrativas e passa a guiar a humanidade, sempre voltada para o passado como modelo, mas com os primeiros olhares para um futuro, distante e etéreo. A relação temporal que os indivíduos possuíam começa a ser alterada, gradativamente começa-se a enxergar um futuro que precisa ser conquistado pelo presente, mas ainda não construído nele, como fica claro nas obras de Santo Augustinho acerca da cidade de Deus, ou de Da Friori com os Tempos do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Não vai ser a toa que o mesmo Augustinho, doutor da Igreja Católica, elabora em suas confissões uma nova ideia de dinâmica temporal, onde futuro e passado só existem no presente: através da expectativa ou da lembrança. (BODEI, 2001)

Era pois necessário registrar os fatos, os acontecimentos, para se construir referenciais espaciais e temporais, permitindo a humanidade situar-se. Com a Revolução Francesa do século XVIII novas ideias são disseminadas, novas teorias começam a se (re)organizar e dar-se pois início a uma era das luzes, das ideias e da ciência. A humanidade é colocada num novo embate temporal. O objetivo passa a ser claramente o futuro, um futuro que precisa ser construído a partir do presente, com o progresso da ciência levando a humanidade ao fim dos sofrimentos e mazelas. Neste mesmo percurso, Marx elabora a sua teoria social, para a qual o proletário seria a força motriz da transformação do futuro, um futuro comum, um futuro comunista. (KOSSELLECK, 2006)

Mas ao chegar-se ao século XX nem a ciência nem as ideias marxistas deram conta da sociedade. O progresso desejado produziu guerras e armas que podem dizimar a humanidade e não conseguiu dar conta das desigualdades, da fome e da miséria do mudo. As experiências com o socialismo na União das Repúblicas Socialistas Soviéticas – URSS, apresentaram as ideias stalinistas ao mundo e os campos de trabalho forçado aos que resistiram, fracassando na construção de uma sociedade de ‘comuns’, de ‘iguais’. Assim:

não existe mais nem um império unificador como em Políbio; nem uma credível *civitas peregrinans*, como em Augustinho; a ‘procissão do espírito santo’ na história, como em Da Friori; os *Volksgeister*, como em Heder, a ‘educação do gênero humano’, como em Lessing; os saltos de época, como em Condorcet; o proletário na qualidade de protagonista das revoluções, como em Marx (BODEI, 2001, p.71)

As escritas do passado seguindo uma perspectiva do moderno regime de historicidade já não fazem mais sentido e um retorno ao modelo de *magistra vitae* seria uma tentativa de se perder num passado sem sentido e sem significação, haja vista a reorganização humana sobre um novo regime de historicidade, para Hartog (1996), chamado de ‘presentismo’. Onde o presente existe para o presente, um presente imediato fundido sobre os três tempos numa dialética que transpõe os indivíduos a uma relação sem horizontes de expectativas.

Neste processo de mudanças a humanidade olha para o passado na busca de respostas ou de consolações, iniciando uma reconfiguração subjetiva que interfere diretamente nas formas como esta lida com o tempo e a memória onde se pode observar um apego cada vez maior pela retenção do passado, com a construção de espaços e políticas de memória, tal como o projeto de memória do Holocausto ou o Memorial das Vítimas do 11 de Setembro de 2001, nos quais segundo Huyssen “o trauma é comercializado tanto quanto o divertimento e nem mesmo para diferentes consumidores de memória” (HUYSEN, 2000, p. 18) desta forma, os conteúdos referentes ao passado tem ganhado espaço e se fazem presente na construção de sentidos para o tempo e o espaço, mesmo que estes eventos passados sejam “memórias imaginadas e, portanto, mais facilmente esquecíveis do que as memórias vividas” (HUYSEN, 2000, p. 18)

Neste novo momento o pensamento historiográfico se depara com as diversas demandas do tempo: a construção de uma narrativa referencia e a elaboração de linguagens mais próximas aos consumidores de passado.

Demandas estas que passaram a ser atendidas por outros segmentos da sociedade: jornalistas, cineastas, romancistas, dentre outros que tomaram o ‘passado’ como elemento de suas produções e produzem sobre ele narrativas próprias. Produções que tem procedimentos diferentes do historiador para o trato com o passado, mas que podem possuir o mesmo objetivo: referenciar o presente acerca do passado para que seja construída uma significação para o cotidiano, sendo mais significativo neste processo as produções dos jornalistas.

Enquanto os historiadores se debatiam, durante o século XX, em arquivos para consolidar suas pesquisas sobre o passado e elaboravam novas teorias para seus pares, os jornalistas estruturavam formas de se produzir informação e conhecimento a partir das esferas do tempo presente, conquistando espaços e expectadores, dos mais diversos espaços, para suas produções. Produções estas que adentraram os embates da memória com um forte potencial, construindo e destruindo versões de passado, moldando as interpretações para seus objetivos e o de seus financiadores, como é o caso da Folha de São Paulo em relação a Ditadura Militar brasileira. Para compreender ainda melhor esta escrita do jornalista sobre o passado, analisaremos um processo de escrita realizado pelo jornalista Elio Gaspari acerca da ditadura militar brasileira.

As Ditaduras de Gaspari

Elio Gaspari é de origem italiana e veio para o Brasil ainda criança, desenvolveu-se no meio do jornalismo e passou a escrever para o Diário de São Paulo, a Veja e o Jornal do Brasil, até tornar-se colunista da Folha de São Paulo. Suas obras acerca da ditadura militar brasileira têm início com a bolsa de estudos que ganhou no *Wilson Center for International Scholars*, onde desenvolveu o início de uma pesquisa metódica acerca do período, compilando documentos e buscando maiores informações sobre o tema, mas acabou desistindo da bolsa e transformando seu trabalho em quatro obras sobre a ditadura brasileira, divididas em duas partes: *Ilusões Armadas* e *O Sacerdote e o Feiticeiro*. Suas Ditaduras¹ compõem um conhecimento histórico próprio da forma como os jornalistas concebem o fazer histórico e norteiam muitas interpretações sobre o acontecimento, respaldando-se numa escrita metódicamente preparada.

Depois da metade do século XX os jornais começaram a sistematizar seus processos de escrita, elencando elementos que seriam indispensáveis para a suas matérias. No Brasil os manuais vão ser influenciados diretamente pelos manuais americanos, sendo que o Grupo Folha elencará três princípios para a construção da narrativa de algum acontecimento: o fato, a pluralidade e a veracidade. (MANUAL GERAL DE REDAÇÃO *apud* Silva, 2011)

Desta forma Elio Gaspari fará uso em sua elaboração textual e na disposição das fontes dos mesmos princípios dos manuais de jornalismo da Folha de São Paulo, que em um de seus manuais, datado de 1984 enfatiza que:

Fatos – São a matéria-prima de qualquer tipo de jornalismo. É mais valioso revelá-los do que relatar declarações a respeito deles; é mais importante noticiá-los que interpretá-los. (MANUAL GERAL DE REDAÇÃO *apud* Silva, 2011, p. 61)

Mas não é suficiente somente a apresentação dos fatos, faz-se necessário também a construção de uma pluralidade de conteúdos que possam dar ao leitor a impressão de uma visão de diferentes ângulos sobre o acontecido, não precisando assim recorrer a outro periódico. Para completar a construção destas narrativas o jornalista precisaria dar veracidade para as informações elencadas, veracidade esta conseguida com as fontes.

As fontes, então, são utilizadas para dar detalhamento do fato, esclarecendo para o leitor os percursos dos acontecimentos, sem necessariamente refletir sobre eles. Apesar de que nessas narrativas o jornalista “toma decisões em larga medida subjetivas, influenciadas por suas posições pessoais, hábitos e emoções” (MANUAL GERAL DE REDAÇÃO *apud* Silva, 2011, p. 65)

¹ É sempre com o título de Ditadura que Elio Gaspari produz suas narrativas acerca da Ditadura Militar brasileira compilada em quatro volumes: A Ditadura Envergonhada, A Ditadura Escancarada, A Ditadura Derrotada e A Ditadura Encurralada.

A finalidade se torna apresentar os fatos, garantindo a veracidade e a pluralidade de interpretação guiando o leitor para compreender o acontecimento com o fim proposto pelo meio que o guia, como nas matérias da Folha de São Paulo e na própria obra de Elio Gaspari. O objetivo não é simplesmente apresentar a notícia, os fatos, mas auxiliar na formação de opinião sobre o mesmo, dando uma composição a narrativa que possa auxiliar na dinâmica de produção de sentido sobre a realidade e os acontecimentos.

Ao longo de sua escrita pode-se perceber os elementos desta tríade. O fato informado por Gaspari em suas obras é a ditadura dos militares instauradas no Brasil em 1964, para a qual deixa claro que:

Fosse qual fosse o governo, fosse qual fosse o presidente, depois de acontecimentos como a insubordinação da marujada e do discurso do Automóvel Clube, em algum lugar do Brasil haveria um levante (GASPARI, 2002, p.92)

Elabora por sua vez uma construção plural, apresentando os acontecimentos vistos de diversos ângulos e sobre o olhar de diversos personagens, envolvendo-os numa trama narrativa:

San Tiago soubera da disposição americana de apoiar um governo de insurretos pelo ex-chanceler Afonso Arinos, a quem Magalhães Pinto dera sete dias antes a Secretaria de Relações Exteriores do governo mineiro. (...) Sua intuição ia na direção certa. Gordon mandara recados a governadores e militares, estimulando-os a produzir um desfecho que pudesse ser considerado legítimo. (GASPARI, 2002, p.97)

Um ponto fundamental nesta narrativa de Elio Gaspari são suas fontes. Fontes que transitam desde periódicos, cartas, fotografias, entrevistas, dossiês e documentários até os seus ‘informantes’².

Esta variedade de fontes são dispostas ao longo do texto com a finalidade de construir a veracidade para o seu panorama detalhista da ditadura. Para as lacunas deixadas pelas suas fontes utilizou-se de princípios teóricos, afirmando que:

O silêncio dos generais foi compensado pela utilização maciça de conceitos teóricos. Com isto freqüentemente misturaram-se idéias brilhante e preconceitos, dando força de dogma a alguma racionalização que, no máximo, seriam bons instrumentos de especulação. (GASPARI, 2002, p.38)

A utilização destas teorias que o autor se propunha a fazer deixa vaga a finalidade ao longo da narrativa, transitando entre teóricos como Arendt, Foucault e Hobsbawm, sem deixar claro sua base teórica ou qual norteará sua obra, descartando-as ao longo do conteúdo, sem aprofundamento no mesmo, como quando apresenta que:

Deu-se por conveniência, medo e arrogância a metamorfose descrita pela filósofa alemã Hannah Arendt em seu magistral estudo “Verdade e Política”: “O apagamento da linha divisória entre verdade fática e opinião é uma das inúmeras formas que o mentir pode assumir.” (GASPARI, 2002, p.149)

Sua limitação em relação à exploração das fontes difere bastante da prática do historiador, para a qual estas devem ser problematizadas e dispostas não simplesmente para dar veracidade, mas para comporem uma versão para os fatos devidamente questionados. Gaspari limita-se em certos momentos a pequenos comentários, como quando é apresentado, no primeiro volume de sua obra, uma correspondência entre George Ball e Lyndon Johnson, para a qual comenta:

² Termo usado por Elio Gaspari para referir-se as pessoas que lhe cederam informações sobre o período, como Amália Lucy Geisel, Petrônio Portella, Heitor Ferreira, dentre outros.

na hipótese dos revoltosos controlarem um porto e pista de pousos capazes de receber aviões-tanque, os Estados Unidos estavam dispostos a garantir os suprimentos de combustível e até mesmo armas. (GASPARI, 2002, 101).

Em contraponto sua narrativa consegue ser envolvente, ganhando traços quase de romance, onde os personagens passeiam numa tentativa de construir uma ‘narrativa da verdade’, deixando claro qual sua concepção de história. Uma história que tem pretensões de ser retrato vivo do acontecido subvertido num espaço tempo derivado que poderá ser consultado quando necessário.

Do Ofício do Historiador a Praxis Jornalística

Visto estes elementos da narrativa de Gaspari e de sua tentativa de compor uma obra referencia, que acabou por ser aceita e utilizada para legitimar outras afirmações, como as do Grupo Folha acerca do período, cabe questionar as variáveis com a narrativa do historiador.

Ambas as profissões constroem narrativas “simultaneamente impossíveis e necessárias, nas quais a memória (...) apesar de tudo, tenta se dizer” (GAGNEBIN, 2006, p. 49) fazendo sentido numa nova esfera social, para a qual o consumo de informação e a dialética temporal que este adquire no cotidiano repercute em uma produção e manipulação de sentido.

No ofício do historiador, ele lida constantemente com fontes, com confrontos de memórias e com a expectativa social de uma narrativa verdadeira. Certeau (2002) em seu trabalho sobre a Operação Historiográfica deixa claro para quem se destina a produção do historiador: para outros historiadores. É uma escrita produzida para ‘iniciados’, para os pares e não para a sociedade. Esta escrita parte de um lugar acadêmico, diferente do qual parte a do jornalista, com seu contato mais próximo com as dinâmicas do cotidiano.

Mas ao perceber as metodologias da escrita do jornalista em sua Operação Midiografica, Meneses (2011) nos apresenta uma cadeia estruturada e lógica para a produção de significantes sociais que atende a uma necessidade social de consumidores de memória.

A sociedade pós Segunda Guerra Mundial produz uma dinâmica de consumo de informação que “não é a da apropriação individual do valor de uso dos bens e serviços (...) também não é a lógica da satisfação, mas a lógica da produção e manipulação de significantes sociais.” (BAUDRILLARD, 1995, p. 29), logo a relação com a informação passa a se dar não por um “valor de uso” ou “valor de troca”, mas sim, por um “valor signo”, valor de produção de sentido e significados. Daí pensarmos que esta relação com a informação “passou à persuasão e depois a ‘persuasão clandestina’ que visa agora um consumo dirigido” (BAUDRILLARD, 1997, p.174) e exacerbado.

Nestes termos, consideramos o caráter relativo, subjetivo, mas também pragmático da informação que ajuda a situá-la em um jogo de elaborações sociais e simbólicas marcado por diferentes regimes de historicidades, interesses e conflitos que representam lutas no estabelecimento dos usos da memória.

Segundo Meneses (2011), passado, presente e futuro percorrem fluxos de significação que ajudam a fundar eventos emblemáticos contemporâneos ao operar em uma linha de distensão que vai da escritura do acontecimento na cena pública à sua inscrição como referente de significação memorável no tempo, repercutindo nas formações de subjetivação e na dinâmica memória/esquecimento.

O ofício do historiador, sua prática de narrativa do tempo, suas operações tão bem elaboradas por Certeau (2002), depara-se com o desafio proposto pela mídia. Mídia que trabalha na construção dos acontecimentos contemporâneos e na produção de memória, desenvolvendo uma proximidade com a sociedade bem mais intensa que o historiador. A construção de marcos, até então pertencentes ao ofício das práticas acadêmicas da história, passa agora para as telas, os jornais e a elaboração inter-textual das novas tecnologias, problematizando o fazer historiográfico na contemporaneidade. O passado passa então a ser objeto de desejo e de investida de outros saberes e, segundo Silva (2011), uma nova operação vem sendo fortificada: uma operação midiografica. Operação que visa uma construção por parte da mídia de acontecimentos emblemáticos, utilizando-se de ferramenta próprias e elementos particulares para darem sentido ao vivido e inscreverem narrativas memoráveis.

A escrita de Gaspari difere de vários historiadores que problematizaram o mesmo período, apresentando novas documentações e delineando um novo percurso narrativo, nem por isso menos válido. Esta escrita produz conhecimento histórico que dinamiza com o cotidiano, entra em contato com as polifonias contemporâneas e possibilita um novo olhar sobre o acontecimento, diferente, mas não necessariamente errôneo.

Considerações Finais

Problematizar estas escritas do passado produzida por jornais e outros meios, leva o historiador a questionar seu próprio ofício. Este talvez seja o grande desafio: compreender a variedade de representações do passado que instauram novos desafios a prática historiadora.

Elio Gaspari nos apresenta o resultado de um estudo metódico, bem elaborado dentro dos moldes do jornalismo, utilizando-se de ferramentas vitais para a construção da informação e sua moldura. O passado tornou-se um produto valioso. Outros jornalistas investem neste processo de construção narrativa do passado, elencam novos objetos e apresentam fontes diversas, produzem um passado vendável e de leitura agradável, mas que necessita ser questionado e analisado.

Estas práticas fazem parte de embates de memória e de espaços. Memórias construídas e elaboradas concebendo o presente como seu alvo, articulando temporalmente as informações e desenvolvendo-as numa dinâmica propícia ao entendimento do leitor. Espaços de práticas e representações, que dentro do universo capitalistas, paradoxalmente, divergem e se complementam, fazendo uma o uso da outra, na tentativa de construir hoje os espaços de experiências que possibilitaram a visualização de novos horizontes de expectativas para os dois saberes.

Referências

BAUDRILLARD, J. **A Sociedade de Consumo**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

_____. **O Sistema dos objetos**. São Paulo: Perspectiva, 1997.

BODEI, Remo. **A História tem um Sentido?**, Bauru, São Paulo: EDUSC, 2001.

GAGNEBIN, J. M. **Lembrar, escrever, esquecer**. São Paulo: Editora 34, 2006.

GASPARI, Elio. **A Ditadura Envergonhada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

HARTOG, François. **Regime de Historicidade**. Capturado da Internet em 8/05/2006 no endereço: <http://www.fflch.usp.br/dl/heros/excerpta/hartog.html>.

HUYSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado – contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Ed.PUC-Rj, 2006.

SILVA, Sônia Maria de Meneses. **A operação midiográfica: A produção de acontecimentos e conhecimentos históricos através dos meios de comunicação – A Folha de São Paulo e o Golpe de 1964**, defendida em 2011, na Universidade Federal Fluminense-UFF.

